



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DO BAIXO TOCANTINS

Lucileia Lobato Ferreira

**“A Leitura de conto de Jorge Machado na formação de leitores no
contexto de sala de aula”**

Abaetetuba
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITARIO DE ABAETETUBA

Lucileia Lobato Ferreira

**“A Leitura de conto de Jorge Machado na formação de leitores no
contexto de sala de aula”**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção do grau
de licenciatura plena em letras,
orientado pelo professor Benilton
Cruz.

Abaetetuba
2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

F3831 Ferreira, Lucileia Lobato.
A Leitura de conto de Jorge Machado na formação de leitores
no contexto de sala de aula / Lucileia Lobato Ferreira. — 2013.
39 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2013.

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Conto. 4. Abaetetuba. 5. Jorge
Machado. I. Título.

CDD 869.9098115



LUCILEIA LOBATO FERREIRA

**“A Leitura de conto de Jorge Machado na formação de leitores no
contexto de sala de aula”**

Data, 05 de outubro de 2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Benilton Lobato Cruz
UFPA- Orientador

Prof. Garibaldi Parente
UFPA - Membro

Prof^a. Lilian Nascimento
UFPA - Membro

Abaetetuba
2013

Este trabalho é dedicado:

A Deus. Pois sem ele esta jornada não seria cumprida.

Aos meus pais, pelo amor e pela boa educação;

Ao meu esposo e filhos, pelo apoio, compreensão e incentivo, sem os quais não haveria a realização de um sonho.

Ao meu orientador Benilton Cruz, que tanto contribuiu fornecendo bases sólidas na sustentação de uma nova carreira em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo. Por toda a coragem, luz, determinação e força na escolha da direção correta, por dar-me oportunidade, pelas vitórias e conquistas alcançadas em mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais, Manuel Cosme Ferreira e Antônia Lobato Ferreira, por confiarem sempre em mim, e por acreditarem no meu sucesso.

Aos meus filhos: William e Wesley pelo apoio, compreensão e sacrifício; Pois durante quatro anos ficaram sem férias por me acompanhar nessa caminhada.

Aos meus colegas de classe da turma de letras 2009, que compartilharam trocas de conhecimentos, contribuindo muito para o meu aprendizado em especial, ao meu grupo de trabalho Dora Irene, Denise, Cilene que deixaram marcas na minha vida.

Aos professores: Alessandro, Alessandra, Benilton Cruz, Garibaldi, Sara, Marcia, que com amor desempenharam seus trabalhos para que pudéssemos adquirir conhecimentos.

E a todos os meus familiares e amigos que de forma direta ou indireta foram importantes nessa trajetória.

RESUMO

Este trabalho trata da importância da leitura do conto na formação de cada indivíduo, literatura esta que por ser conto não se destina a um único público. Priorizo neste trabalho a literatura de conto Abaetetubense do escritor Jorge Machado que não tem recebido a importância merecida pelo povo Abaetetubense. Leitura de conto de Jorge Machado— neste trabalho de conclusão de curso nos faz assim “valorizar” nossa cultura que tem sido deixada de lado por nosso povo. A questão do trabalho com a leitura tem gerado discursões no campo da educação diversas, propostas buscam adequar o trabalho escolar a melhores formas de ensinar e aprender, os contos como recurso deste escritor como estratégia de leitura aprimora a forma do professor ministrar aulas, provocando uma interação crescente entre o aluno e os contos. O presente trabalho está fundamentado na questão do conto do Jorge Machado como estratégia de leitura para incentivar os alunos a terem o habito a leitura, o verdadeiro papel do professor como mediador do conhecimento no processo ensino aprendizagem é apresentar uma metodologia capaz de despertar o interesse do aluno por uma literatura prazerosa e de fácil entendimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
1 – CONTO.....	10
1.1- JORGE MACHADO VIDA E OBRA DO AUTOR	
1.2- O CONCEITO E PEQUENOS HISTORIAS DE CONTO.....	11
1.3- ESTRATÉGIA DE LEITURA.....	15
CAPÍTULO II	
2- PRÁTICAS	22
2.1- CONTO NÚMERO 1 (O FOTÓGRAFO)	
2.2- CONTO NÚMERO 2 (O AMANTE NO CEMITÉRIO)	25
ANÁLISE DO CONTO O FOTÓGRAFO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA.....	38

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é levar para a sala de aula, através da pesquisa, a importância do conto do Jorge Machado como recurso didático nas aulas de língua portuguesa, na qual venha contribuir como incentivo à leitura em sala de aula como atividade que tenha significado e interesse, onde o aluno sinta prazer e estímulo no processo de ensino aprendizagem.

Hoje vivemos em um país que pouco se lê. O conto nas aulas de literatura vem sendo objeto de análise dos educadores no intuito de identificar as causas e encontrar caminhos para modificar esta realidade, que seria o incentivo à leitura.

Utilizar a leitura desse conto, no qual desenvolverá no aluno o prazer de ouvir, de ler, de contar através do conto Abaetetubense na qual será trabalhada a leitura no contexto de sala de aula, esse trabalho pode ajudar na formação de leitores no momento de leitura na qual compartilha contato com o conto.

Com as novas modalidades o trabalho com o conto na sala de aula busca uma direção de metodologia. O uso desse conto como recurso passa a ser de aperfeiçoamento de qualidade no ensino.

O trabalho está organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo encontra-se um breve comentário sobre a vida e a obra do autor que fala da questão da história de seus contos, de como surgiu a ideia de ser um escritor, seu primeiro livro, suas obras de ficção, história de Abaetetuba.

As características e pequenos conceitos de contos, o ato de narrar um acontecimento, o conto na Idade Média, o desenvolvimento do conto a partir do século XIX, o conto como forma literária, o significado da palavra conto.

Estratégias de leitura como processo de ligação entre o conto e o leitor segundo alguns autores, a leitura como um processo de interação, leitura como uma prática social na escola.

No segundo capítulo, aborda por sua vez, análise dos contos. “O fotógrafo”, “O amante no cemitério”, na qual apresenta narrativas curtas e

linguagem bastante específica, temos também sugestões de como ler um conto em sala de aula.

Ainda no segundo capítulo temos também sugestões de interferências de como aplicar em sala de aula para que o indivíduo evolua e assimile os novos conhecimentos no processo de leitura.

Sendo assim o trabalho pretende ajudar os professores de língua portuguesa e literatura que irão fazer uso dos contos como recurso educativo nas aulas, para tornar mais criativa e dinâmica.

CAPITULO I

1- CONTO

- 1.1- Jorge machado vida e obra do autor
- 1.2- O conceito e pequenos históricos de conto
- 1.3- Estratégia de leitura

1.1- JORGE MACHADO VIDA E OBRA DO AUTOR

Para um melhor estudo da obra de Jorge machado queremos fazer uma introdução sobre contos.

Jorge Machado Coutinho machado é escritor roteirista e professor Universitário. Nasceu em Abaeté do Tocantins a 26 de março de 1963. Nessa época, o nome Abaetetuba não era empregado para cidade, tinha aquele nome poético que a ligava ao rio. Filho de Expedito Machado e Maria Edna Coutinho Machado, é casado com Elenice é pai de um menino de 10 anos e uma menina de 04 meses.

É licenciado em química (1989), pós-graduado em ensino de ciências (1995), mestre em educação em ciências (2004), e atualmente é professor do instituto de educação da UFPA onde atua na formação de professores de química e de ciências naturais.

Começou a escrever ainda muito jovem, produzindo textos de teatro que era encenado no teatro escolar e que tratavam de lendas, comédias ou peças de cunho moral, como vidas de santos.

Seu primeiro livro, terras de Abaetetuba, foi publicado em abril de 1986 e constitui um abrangente inventario de informações sobre os aspectos históricos, geográficos e culturais do município. Obras de pesquisa, além de terras de Abaetetuba e de memória fotográfica (sobre a memória visual da cidade de Abaetetuba), também publicou o que é química? (São Paulo, brasiliense, 1991), livro que trata de historia da química e pretende ser uma introdução ao estudo desse assunto.

Sua obra de ficção, que considera a mais importante, é um pouco mais extensa, sendo constituída dos seguintes livros:

Belém (coletânea de autores paraense). 1987

Contos paraenses (antologia de autores paraense). 1988

Novos contos paraenses. 1988

Mururé: autores paraenses (antologia). 1988

O domingo da epifania (contos) 1991.

O círio (coletânea de contos sobre o círio de Nazaré). 1995

Ainda em ficção, tem inéditos os livros o defunto radioativo (literatura juvenil), aparições (histórias de visagens em Abaeté do Tocantins, Parte de uma trilogia de contos sobre Abaeté do Tocantins) e escreve Mater. puríssima, historias da festa de conceição em Abaete do Tocantins, a ser lançado em breve durante as festividades da padroeira de Abaetetuba.

Visando aperfeiçoar-se em técnicas narrativas e desenvolver uma cultura narrativa própria, realizam atualmente estudos em dramaturgia, técnicas de narrativas aplicadas ao cinema e ao teatro, roteiro de cinema e ficção televisiva. Como parte desses estudos, escreve uma serie televisiva chamada aparições, que aborda o fantástico e o imaginário de Abaeté do Tocantins.

Fundou em 2001 a edições alquímica, que publicou algumas se suas obras e brevemente estará publicando livros de outros autores Abaetetubenses. Como essa editora própria publicou:

O município de Abaetetuba, História de Abaetetuba, Glossário Abaetetubense, histórias de visagens – Vol. .1, historias de visagens vol.2, Nosso folclore (panorama de folclore amazônico)

1.2- O CONCEITO EPEQUENOS HISTÓRICOS DE CONTO

Segundo Gotlib a origem do conto está na transmissão oral dos fatos, no ato de contar historias, que antecede a escrita e nos remete a tempo remoto.

O ato de narrar um acontecimento oralmente evolui para o registro escrito desta narrativa. E o narrador também evolui de um simples contador de historias para a figura de um narrador preocupado com aspectos criativos e estéticos.

É no início da Idade Moderna que o conto se consolida como literatura. Três livros são considerados os precursores do gênero, *As mil e uma noites*, *Caterbury Tales*, de Chancer, e o *Decamerão*, de Giovanni Bocaccio. Estes títulos apareceram no ocidente no século XIV e disseminaram-se pelo mundo nos séculos XVI e XVIII.

Um momento de grande desenvolvimento do conto foi o século XIX, devido à acentuada expansão da imprensa que permitiu a publicação dos textos. Algumas características comuns acabaram por agrupar as várias formas de narrar e isso aproximou o conto de um gênero literário. Este novo gênero foi identificado pela primeira vez nos EVA, por volta de 1880, e designado *Short Story*.

Posteriormente, o conto evoluiu de sua forma tradicional, na qual a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final, para as formas modernas de narrar, na qual a estrutura se fragmenta e subverte este esquema. Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Anton Tchekov, são alguns dos contistas clássicos que mais influenciaram as formas modernas do conto.

A palavra conto quer dizer narração falada ou escrita de um acontecimento, narração de uma história ou história imaginária.

Os estudiosos da teoria do conto se dividem em duas correntes: A dos que aceitam definições e a dos que não aceitam. Mas mesmo os que as aceitam concordam que definir conto não é tarefa final.

Segundo o escritor e contista Júlio Cortázar afirma que o conto é “um gênero de difícil definição, esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos”. No estudo teórico do conto, Nádia Battelagotlib, “cola” as impressões de diversos estudiosos do conto e chega a seguinte equação:

O segredo do conto é promover o sequestro do leitor, pretendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados tendo em vista a construção deste efeito (Poe). Neste sequestro temporário existe uma força de tensão num sistema de relações entre elementos do conto, em que cada detalhe é significativo (Cortázar).

O conto centra-se num conflito dramático em que cada gesto, cada olhar é até mesmo teatralmente utilizado pelo narrador (Bowen). Não lhe falta a construção simétrica de um episódio, num espaço determinado (Matheus).

Trata-se de um acidente de vida, cercado de um ligeiro antes e depois, de tal forma que esta ação parece ter sido mesmo criada para um conto, Adaptando-se a este gênero e não a outro, por seu caráter de contração (Friedman). Este é um lado da questão teórica referente as características específicas do gênero conto.

Durante a alta Idade Média (século XIX-XIV), o conto conhece uma época áurea, fracos à precificação dos gestos cavaleirescos e, no final dessa quadra histórica, ao aparecimento de alguns contistas de primeira categoria, autênticos mestres na matéria: Boccaccio, com suas novelle, margarida de navarra, com seus Heptâmeron, e Chaucer, com Canterbury Tales, representam as grandes figuras do tempo elevando o conto a nível só alcançado trezentos anos depois.

No século XVI e XVII, graças ao influxo de Boccaccio, o conto é largamente cultivado sobre tudo na Itália. Matteobandello (Lê novelle), Celio Malespini (Duecentonovelle), Francesco Doni (Marmi), entre outros, testificam um período de amplo prestígio para o conto. Na Espanha igualmente, a moda ganha foros de cidade, com Cervantes (novelas Exemplares), Quevedo (lá hora de todos) e outros.

A França não fica a importância, qualitativamente falando que a Idade Média: uma espécie de paralisia, de artificiosíssimo, domina o conto, tirando-lhe algumas características apenas ressuscitadas mais adiante. Trata-se, em suma, de um período de afetação e declínio, de que poucos escritores se salvaram.

Entretanto o século XIX o conto conhece sua época de maior esplendor. Além de se tornar forma “nobre”, ao lado das demais até então consideradas, sobre tanto as poéticas, passa a ser larga e seriamente cultivada. O conto abandona seu estágio empírico, indeciso e por assim dizer folclórico, para ingressar numa fase em que se torna produto tipicamente literário sem as anteriores implicações.

Anton Tchekov, considerado o maior contista da Rússia, conferiu ao conto notas de mistério e misticismo, próprio da alma, escreveu duzentas e quarenta e duas histórias, algumas delas vivem até hoje, Hoffmann, que se notabilizou com seus contos fantásticos, verdadeiramente lapidares e muito lidos durante o século XIX.

Nessa mesma época surgem alguns contistas de superior gabarito: em primeiro lugar, Machado de Assis, autor de uma grande quantidade de contos, alguns dos quais autênticas peças únicas, como “Missa do galo”, “O Alienista”, “uns braços”, “A cartomante”, etc. Além deles, merecem especial relevo Fialho de Almeida e Eça de Queiroz, seguido de Alexandre Herculano, Rebelo da Silva, Júlio Diniz, Conde de Arnoso, Teixeira de Queiroz, Trindade Coelho Abel e D. João da Câmara Coelho Neto.

No século XX, a voga do conto não esmoreceu, ao contrário, ganhou proporções inauditas, a ponto de dar a impressão de estar submetido a um autêntico ritmo inflacionário que, porém, não compromete a qualidade da criação.

No final do século XIX, o conto atinge em nossos dias seu apogeu como forma literária “erudita” ou literária. Entretanto, apresentar as várias tendências e fases atravessadas pelo conto moderno, incluindo as vicissitudes que o tem impelido às vezes na direção da crônica ou do poema em prosa escapa totalmente dos intuítos deste livro nas obras indicadas o leitor encontrará farto material informativo a respeito.

O conto por suas características fundamentais semelha acolher ao mesmo tempo a intensidade e a densidade constituindo uma célula dramática, com unidade de tempo, lugar e ação, é natural que o conto aborreça o ritmo da câmara lenta e prefira a intensidade implícita em todo o fragrante tomado da realidade cotidiana.

O conto se admite a condensação de outros aspectos desse mesmo real. Entenda-se, porém, que a densidade possível no conto não comporta maior análise ou sondagem psicológica, visto, impedi-lo a própria condição de “instantâneo” fotográfico do real. Portanto, o ficcionista anota a sucessão dos

minutos, horas ou dias em que a fabulação se passa, ou limita-se a situar os acontecimentos numa sucessão retilínea, em que a ideia de tempo é dada pela própria ordenação da história.

A palavra conto deriva do termo latino *cômputos*, que significa “conta”. O conceito faz referência a uma narrativa breve e fictícia. A sua especificidade não pode ser fixada com exatidão, pelo que a diferença entre um conto extenso e uma novela é difícil de determinar. Um conto apresenta um grupo reduzido de personagens e um argumento não demasiado complexo, uma vez que entre as suas características aparece a economia de recursos narrativos.

O conto é a forma narrativa, em prosa de menor extensão no sentido estrito de tamanho. Entre suas principais características, está a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total do qual falava. O conto precisa causar um efeito singular no leitor, muita excitação e emotividade.

Conto em literatura é uma narrativa breve e fictícia em que a ação geralmente se concentra sobre um único tema ou episódio. Conto no plural é conto de fadas história infantil que narra acontecimentos em que participam fadas e outras figuras imaginárias, existe uma expressão que se utiliza para indicar que cada pessoa relata um mesmo acontecimento um facto acrescentado por menores de sua autoria diz-se que quem conta um conto acrescenta um ponto, um ponto pode ter também uma mentira ou uma história ou fábula. Na obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, ponto de vista e enredo.

Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mas curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. Num romance, a trama desdobra-se em conflitos secundários o que acontece com o conto.

1.3- ESTRATÉGIA DE LEITURA

As estratégias de leitura devem ser apresentadas através de informações que são observadas nos textos, no qual deve ser compreendido.

A leitura tem por finalidade interagir de forma prazerosa no contato entre o leitor e o texto, que tem como objetivo compreender os conhecimentos adquiridos dentro de um texto.

O processo de leitura em sala de aula tem por finalidade ensinar os alunos a lerem corretamente. Essa ideia precisa ser expandida na sociedade letrada.

É fundamental criar um meio dentro da escola para que o aluno seja motivado a perceber a importância da leitura para o cotidiano. Os alunos poderão oferecer práticas para que ele busque esse incentivo.

No ensino Fundamental a leitura e a escrita são como ponto principal. Para que nessa etapa os alunos consigam ler textos de forma autônoma. É de grande importância que no momento da leitura, o leitor saiba criar estratégias de compreensão na medida em que lê.

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, nesse processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura. [...] Envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura. Assim, os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar a ler e a compreender (SOLÉ, 1998.p.15)

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade. Para compreender o texto o leitor utiliza seus conhecimentos de mundo e os conhecimentos do texto. Controlar a própria leitura e regula-la implica ter um objetivo para ela, assim como pode gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê.

Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam a construção de uma interpretação.

Na leitura de um texto encontramos inicialmente o título, subtítulo, negrito, itálico, esquema. Isso pode ser utilizado como recursos para prever qual será o assunto do texto.

Um dos objetivos mais importantes da escola é fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Essa aquisição da leitura é indispensável para agir com autonomia nas sociedades letradas. Pesquisas realizadas apontam que a leitura não é utilizada tanto quanto deveria, isto é, não lemos o bastante. Uma questão que se coloca é a seguinte: será que os professores e a escola tem clareza do que é ler?

É fundamental que ao ler, o leitor se proponha a alcançar determinados para determinar tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela a medida que lê. O controle da compreensão é um requisito essencial para lê de forma eficaz.

Para que o leitor se envolva na atividade de leitura é necessário esta seja significativa. É necessário que sinta que é capaz de ler e de compreender o texto que tem em mãos. Só será motivadora, se o conteúdo estiver ligado aos interesses do leitor e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo.

Devemos considerar como fundamental a leitura realizada por outros (Família, amigos, pessoas) por familiarizar a criança com a estrutura do texto escrito e com sua linguagem.

Na escola ao se deparar com a linguagem escrita, a criança, em muitos casos se encontra diante de algo conhecido, sobre o que já aprendeu várias coisas. O fundamental é que o escrito transmite uma mensagem, uma informação e que a leitura capacita para ter acesso a essa linguagem.

Na aquisição desse conhecimento, as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que se promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias a conversa posterior em torno dos mesmos parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura.

Para isso é fundamental trazer para a sala de aula, como ponto de partida, os conhecimentos que as crianças já possuem e a partir de suas ideias, ampliar suas significações.

LEITURA: UMA PRÁTICA SOCIAL NA ESCOLA

A leitura como uma prática, precisa ser retomada na sala, pois é na escola que os alunos tem mais acesso com diversos tipos de leitura.

Esse incentivo na leitura começa desde a infância quando os pais tem acesso aos livros, fazem uso de uma biblioteca, enfim, busque esse gosto como forma de despertar esse incentivo aos filhos.

A leitura como uma prática social em suas vidas é preciso que ela comesse a se tornar uma prática relacionada a esta dimensão também na escola, porque, para muitos alunos, a escola é o ambiente em que eles mais terão contato com materiais e ambiente de leitura. (RIBEIRO, 1995.p.137)

Observa-se que, a leitura e o acesso aos livros se dão por intermédio de outro leitor, ou de outros leitores que compartilhe com os alunos uma experiência vivida, uma historia lida e apreciada. Na vida dos alunos é o professor que desempenha está função de apresentar-lhes os livros dos contos, ajuda-los a escolher um dentre os vários títulos, estimular a leitura dos livros, ensinar a maneira de ter o acesso aos livros por meio das bibliotecas.

Esta tanto pode ser uma atividade previa as aulas, feita só entre pais, professores e funcionários da escola como sabem pode ser feita com o envolvimento e a amplicidade dos alunos, que assimtomarão contato com as diferentes práticas de leitura de sua família e de sua comunidade.

É importante que, na sala de aula, a leitura e a escrita não seja atividade secundárias, que não ocupem apenas o tempo que sobrou no finalzinho da aula. Leitura precisa ser planejada, como atividades cotidianas, não só entre os alunos, mas também entre nos professores.

Há diversas maneiras de se fazer isso, vários caminhos, cada um deles com vantagens e desvantagens, porque sabemos que nem tudo funciona da mesma maneira em turnos diferentes.

O gosto pela leitura é despertado pelo próprio entusiasmo do adulto que incentiva o aluno a aproximar-se dos livros. Ou seja, para formar leitores, é preciso que você se interesse por livros de tipos variados e que compartilhe suas descobertas e aprendizagem.

Para que o aluno se capacite sozinho entre livros e leitores há importantes mediadores.

A leitura é como um instrumento de conhecimento de mundo. Ela amplia o vocabulário e forma leitores críticos, capazes de pensar e refletir tornando capacitados a criarem várias ideias e experiências. Pois a escola tem como obrigação está desenvolvendo esses prazeres e tornando os estudantes a terem este gosto pela leitura na compreensão de diversos gêneros para a formação de leitores com competências para interagir na sociedade.

Ao observar em uma determinada escola percebe-se que pouco contribui com essa prática na formação de leitores competentes.

Devido a essa carência buscamos propor um trabalho voltado para o público de 6º ano/9 do ensino fundamental maior através do conto do autor Jorge Machado no qual o leitor vai fazer várias observações aquilo que é de real, e o que está a sua volta apesar de ser histórias curtas fica a critério do aluno na escolha do que quer ler.

O objetivo deste trabalho é oferecer ao aluno estratégias que desperte o interesse na leitura como forma de se tornarem grandes leitores.

Pensar em leitura requer pensar, em primeiro lugar que um texto produzido por um aprendiz manifesta-se como o produto de um sujeito que, o seu modo através das diversas possibilidades e formas de linguagem, busca estabelecer um determinado tipo de relação com o seu interlocutor.

Nesse processo uma pergunta fundamenta para que escreva? Uma das respostas possíveis é: para ser lido e compreendido. Reconhecemos, de antemão, que os alunos, quando produzem os seus textos, em qualquer momento de sua vida escolar, esperam uma resposta ao que produziram. Para

Bakhtin (1992, p.294), “o locutor termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro”.

Portanto, o aprendiz (o aluno), na escola, ao dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro (o professor), espera dele algum retorno, não um retorno qualquer, mas algo capaz de permitir uma dialogia, entendendo-a como um momento de produção de sentido, de dizer e de trocas significativas.

Um olhar sobre o que acontece em determinadas práticas de sala de aula revela que, na escola inverte-se em lógica. O aluno não escreve para ser lido, mas para ser corrigido. A lógica escolar elimina, desse modo, pois o aluno sabe de antemão que nada ou muito pouco pode esperar como resposta efetiva ao que produz.

O resultado é o entendimento ou a introjeção de que o texto escrito é sempre um produto fechado, com fim de si mesmo. É o que afirma Bakhtin: “se nada esperamos da palavra, se sabemos de antemão tudo que ela pode dizer, está se separa do dialogo e se coisifica” (1992, p.350).

Nessa perspectiva, podemos imaginar que o fim colocado pelos aprendizes, em suas produções escritas ao contrário significa para o seu leitor que o texto ali se encerra, pode estar sinalizando para outro lado da questão, isto é, sabendo que não há resposta possível, ali tudo se fecha, não há continuidade, não há espaço para um dialogo.

As ideias de Franchi (1988) baseiam-se na concepção de que todo o falante deve operar o sistema gramatical com criatividade. O resultado desse trabalho se manifesta quando o aluno consegue se expressar de acordo com o efeito de sentido que quer provocar, torna-se capaz de orientar a argumentação para determinado fim, ou estabelecer analogia e criar significados novos adequados a cada situação.

A operação sobre a língua é uma atividade criativa e metalinguagem e uma forma de sistematizaras regras e conceitos utilizados na prática. Por essa razão o autor valoriza o papel das atividades linguísticas para uma fase posterior, quando o aluno apresenta maior desenvolvimento linguístico.

Perini (1985) apresenta uma contribuição importante quando se trata da doutrina gramatical. Esta ultima é externa, explicitado na escola e nos manuais didáticos sobre as formas de conceitos classificações e regras de uso

normativo. A doutrina implícita é construída por regras internalizadas pelo falante em contato com a língua utilizada socialmente.

Os parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (doravante PCNs), publicadas em 1998, incorporam as ideias de linguísticas como Franchi, Perini e outros, deste os objetivos das disciplinas até o conteúdo a ser trabalhado. Segundo os seus idealizadores, o que se espera dos processos de ensino e de aprendizagem.

No ensino fundamental é “que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobre tudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da leitura, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania” (PCNs, 1998: 32).

Ao colocar em primeiro lugar o uso da linguagem enquanto discurso, os PCNs prestigiam o que Franchi (1998) denomina de atividade linguística. Os próprios textos dos PCNs lembra que há um importante papel reservado para o estudo de fato da língua, pois o aluno deve “usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de análise linguística para expandir sua capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ampliando a capacidade de análise crítica” (PCNs 1998:33).

A visão do que seja um texto adequado ao leitor transbordou os limites da escola e influenciou até na produção editorial. A possibilidade de se divertir com alguns dos textos da chamada literatura juvenil. Por trás da boa intenção de promover a aproximação entre aluno e texto, há um equívoco de origem: tenta-se aproximar os textos simplificando-os aos alunos, no lugar de aproximar os alunos a textos de qualidade.

Para boa parte dos jovens, a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos, textos e este que se converterão inevitavelmente, em modelo para produção.

Se for de esperar que o escritor redija seus textos usando como referência estratégias de organização típica da leitura a possibilidade que venha construir uma representação do que seja a leitura só estará colocando-se as atividades escolares lhe oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais.

A língua é concebida como uma forma de interação. Valoriza-se a interação entre alunos, entre professores e alunos, entre alunos e outras culturas e, principalmente, entre os alunos e a língua enquanto discurso.

“São situações em que as atividades de escuta, leitura e produção de textos orais e escritos, bem como os de análise linguísticos se interacionam de forma contextualizada, pois quase sempre envolve tarefas que articulam essas diferentes práticas, nas quais faz sentido, por exemplo, ler para escrever, escrever para ler, decorar para representar ou recitar, escrever para não esquecer, ler em voz alta, falar para avaliar depois, etc.” (PCNs, 1998:87).

CAPITULO II – Práticas

2.1 contos número 1 - O fotógrafo

Chamaram seu Oscar para tirar uma fotografia daquele defunto. Ele não gostava muito daquele tipo de trabalho, tirar foto de gente morta, mas continuava nesse negócio porque havia feito muita amizade, freguesia certa, e porque dinheiro, afinal de contas, é sempre bem vindo.

Quando ele chegou a gritaria era grande no velório. Caía uma chuvinha enjoada e ele empurrou depressa a bicicleta por um chão no lado de casa. Entrou enxugando a testa e cobrindo a rolleiflex com a mão, defendendo a lente dos respingos. Seu Fortunato trabalhava taciturno, lento, metódico, armando o falecido para a última viagem, a ida sem volta, o dia do acerto com o todo poderoso ou com belzebu.

Era uma casa pobre no fim da vila saracura, onde se chegava caminhando por sobre uma estiva de madeira velha, tão velha que já quase se desmanchava sobre o igarapé poluído.

O fotógrafo agiu depressa. Tomou um gole de cafezinho, mordiscou uma tapiquinha e acendeu o frata. Aquele flash zumbia bem alto quando carregava, um ruído engraçado que fazia a molecada sorrir. Flash carregado, obturador da rolleiflex armado, ele girou o focalizador. A imagem foi ganhando nitidez no vidro despolido, ate deixar aquela cena devidamente enquadrada: caixão aberto meio inclinado, defunto com a boca entreaberta, narinas entupidas com algodão, parentes em volta, tomada em ligeiro mergulho, lá se foi a imagem para dentro daquela caixa mágica.

Na volta para o fato na praça da bandeira, Oscar parou no Gidonda e merendou um pastel com garapa. Teria que fazer um serão naquela noite, pois precisava entregar, além da foto do morto, umas fotos do prefeito para publicação na folha do Norte ainda naquela semana. E era ele, o Oscar, quem levaria as fotos para Belém, provavelmente no dia seguinte.

Sentou diante do bar e enquanto comia ficou olhando a praça da matriz ao entardecer. Pessoas passavam devagar da beira pra terra, voltando para casa depois de um dia de labuta. No céu uma fila quase homogênea de urubus

voava das bandas do curro em direção aos coqueiros do outro lado da cidade com as panças abarrotadas de carniça depois de um dia inteiro de rapinagem. Assim na terra como no céu, entre os homens e ali comento na mesa do bar do Gidonda, a mesma luta ingrata pelo baco-baco.

O céu passando do azul ao violeta, e deste ao negro lentamente. As primeiras estrelas acendiam no céu como faróis tentando corajosamente demarcar o destino dos homens. Um odor de fumaça unia-se a cheiros de assados e frituras, compondo uma alquimia exótica com os perfumes da floresta, que começava a florir naquele tempo. Quase frio, quase paz, quase quietude naquele entardecer ribeirinho.

O relógio da igreja bateu às seis da tarde. Padre Chagas colocou uma bela valsa para tocar no alto falante da torre. Ouvindo aquela música, Oscar levantou-se, apanhou a bicicleta e saiu pedalando devagar rumo ao foto, pensando na vida, na dureza, nas noites frias e chuvosas de Abaeté do Tocantins, nas horas seguidas no quarto escuro, na falta de dinheiro, na velha rolleyflex e no filho que estava para nascer.

Imaginava o que era preciso fazer para sobreviver em Abaeté. Uma vez ele amanheceu segunda-feira sem um tostão no bolso. Estava chovendo, fevereiro, cupim de asa voava, a sacola da feira esperando vazia num canto, a mulher olhando pra ele, lá foi-se o Oscar para o trabalho no foto. Lá chegando, um freguês esperando e o Oscar não tinha dinheiro nem pro filme.

Ele fingiu que tirava a foto, recebeu o dinheiro, comprou o filme, comprou comida, mandou a cesta cheia pra casa e ficou esperando o freguês aparecer pra receber o retrato. Quando ele voltou, perto do meio-dia, soube que a foto não tinha prestado filme ruim, e era preciso refazer tudo. Desta vez, claro que prestou... Dureza de vida...

No laboratório ele revelou o filme e pendurou a fita de plástico num varal pra secar. Ficou esperando até umas dez horas, ouvindo bolero no rádio, fumando e lendo uns livrinhos de faroeste que ele comprava do Expedito Relâmpago á distância deixavam seu rastro eletromagnético nas ondas médias, vez por outra descobrindo a PRC-5. Seco o filme, trocou o revelador, jogou uma mão cheia de hipossulfito na banheira do fixador, acendeu a luz vermelha do quarto escuro e começou a copiar.

A cara do prefeito surgiu gloriosa dentro do líquido, sorrindo ao lado de figurões da capital. Depois veio uma inauguração, a reabertura do mercado de carne, dois retratos de moças do Itacuruçá, outro de um rapaz da Pacoca, uma missa com o padre Chagas e, no último negativo, o defunto.

Foto ampliada, lá foi pra banheira do revelador.

Era uma coisa que parecia feitiçaria, principalmente por causa do cheiro de enxofre no quarto escuro. Um papel branco dentro de um líquido transparente e, passando um tempo, aquela imagem aparecendo do nada, ali diante dos olhos dele. Já havia feito aquilo milhares de vezes, mas o encanto persistia, o mesmo assombro que o perseguia desde quando vira uma revelação pela primeira vez, no laboratório do pai lá em Juazeiro. E já se vão tantos anos deste que fugira da seca para a Amazônia e casara com uma Abaeteense. Quase uma mão na frente outra atrás, na bagagem sonhos, um ampliador do tempo da guerra, a rolleyflex e o frata barulhento.

Quando o defunto começou a aparecer Oscar teve um sobressalto. Firmando a visa na penumbra daquela luz vermelha, percebeu horrorizado que o morto estava dando risada para ele. O fotografo recuou apavorado, com os olhos vidrados na face que emergia do revelador.

O morto Ria da morte, ria dos vivos, ria da ironia da vida, com a morte à espreita Ria da descoberta que já havia feito e da verdade que permanece oculta de todos os vivos. Ria porque já sabia o que há do outro lado, e a morte havia deixado de ser assustadora para ele. Ria de desprezo pelos vivos, que se mantém vivos por temor do que há, ou não há, do outro lado, senão todo mundo se matava. Ria do Oscar e da sua insignificante labuta no dia- a- dia.

O fotógrafo abriu na carreira, gritando na chuva.

Ninguém acudiu, porque naquele tempo dormiam cedo em Abaeté do Tocantins e somente as criaturas das trevas circulavam livres depois que escurecia.

ANÁLISE DO CONTO O FOTÓGRAFO

O conto o fotógrafo foi contado pelo seu Brasil, nesse tempo se tirava foto de defunto com os parentes que compareciam em velório. Foi na história de seu Brasil que o escritor se inspirou sem contar o que se passa com aquele personagem, não é uma narrativa literária daquela existência, mas há uma inspiração sem fazer referência a pessoa.

Seu Oscar era o preferido para fotografar defunto, quando morria alguém ele era logo chamado para fazer esse tipo de trabalho.

Ele não gostava muito daquele trabalho, que era ficar tirando fotografias de gente morta, pois continuava nesse negócio porque havia feito amizade com as pessoas e já tinha freguesia certa, e quando se tratava de dinheiro, é sempre bem-vindo, e era um meio de ganhar o pão de cada dia. Portanto as fotografias ficariam como lembranças para as famílias daquelas pessoas já falecidas.

Observou –se no conto o vocabulário de algumas palavras que era usada como:

1. Rolleiflex – câmara fotográfica que os fotógrafos usavam antigamente.
2. Respingos- respingos de chuvas.
3. Frata- fleche do fotografo de antigamente
4. Obturador da rolleiflex- uma peça da maquina para disparar quando bater a foto.
5. Labuta-trabalho
6. Gidonda- uma venda de lanche
7. Curro- antigo matadouro
8. Rapinagem- trabalho de rafinas
9. Hipossulfito- substância química que o fotografo usava para revelar as fotos.
10. Espreita- a morte vigiando, a morte esperando.

O conto o fotógrafo é uma metáfora da questão da fotografia, que apresentam palavras que são de expressão do trabalho do fotógrafo.

2.2- conto número 2 - O amante do cemitério

Só havia duas coisas importantes para Dolores: sexo e festa.

Chamava-se Dolores, mas o nome naturalmente havia forçado o apelido. Doloca era um perigo.

Morava em Abaeté desde o nascimento. Na verdade, nascera no furo Grande e era uma das mais conhecidas moças do furo Grande, mas ocultava, quase renegava suas origens. Formara-se professora normalista, mas não conseguira um emprego. Talvez porque a devassidão a impedisse, naquele lugar puritano. Então vivia assim, costurando pra fora, fazendo bico, praticando o sexo, saindo pra festa todo sábado e sonhando com um curso de enfermagem em Belém.

Metera na cabeça que queria ser enfermeira. Não por amor a Ana Nery, diga-se de passagem, mas como possível válvula de escape para seus desejos incontroláveis de luxúria.

Achava os hospitais lugares muito afrodisíacos, mais para alcovas do que nosocômios. Imaginava o que poderia acontecer em noites frias e chuvosas, quando tivesse que dar plantão. Daria sim, com certeza.

Certa vez vira uma cama ginecológica e estremeceu entusiasmada. A posição ginecológica exercitava seus músculos mais importantes, à falta de qualquer exercício mental. Papanicolau era uma palavra excitante. Anatomia lhe sugeria uma lúbrica prática de exploração dos recantos mais escondidos do corpo humano...

Além de tudo isso, a capital acenava-lhe com a realização de orgias capazes de corar Calígula. Sonhava com a devassidão da cidade grande, a suprema patifaria, livre de olhares curiosos e línguas afiadas da vizinhança, num lugar onde ninguém é de ninguém e todos cultuam o demônio do sexo. Mas enquanto não se realiza, ia vivendo de festa em festa e de cama em cama.

Encontrou aquele homem esquisito numa festa na sede do Vênus, perto da casa do doutor Lopes. O salão era quase parede com parede com o consultório do dentista. De tarde, quando estavam arrumando as mesas para a festa dava para sentir aquele cheiro de cravinho e ouvir um gemido quando algum dente estalava no boticão.

Quando Doloca entrou para dançar e sacrificar para Vênus, de imediato reparou naquele homem. Cabelo longo cheios de óleo perfumado parecia Glotora, sapato de couro branco bem engraxado, calça de tropical, camisa de tergal listrada, mangas enroladas até metade do antebraço, bigodinho, costeletas, palito mastigado num canto da boca, menta no bolso, grande corrente e crucifixo. Parecia um amante latino.

Dolores descobrira seu amante latino!

Dolores, mulher infeliz no amor, viúva de marido vivo, decepcionada com os homens, traída e condenada, coração eternamente suspeitando de qualquer pretendente a um relacionamento mais sério, Dolores tinha ali diante de si um homem incomum em Abaeté do Tocantins.

Mundana por opção, doutor Novaes dela fizera uma psicanálise durante rodada de gim no bar do Nicola. O clube Freudiano de Abaeté do Tocantins teve curta existência, mas sua paciente predileta fornecera alento suficiente para inflamadas reflexões psicanalítica ao redor de uma mesa de bar, até a agremiação diluir-se em álcool numa noite chuvosa de fevereiro. Seus estatutos e atas de reuniões foram espalhados ao vento pelo médico embriagada, revoltado quando um frade sabotou uma das reuniões do clube distribuindo generosas doses de cachaça entre os intelectuais. Pela análise, Doloca era uma fêmea frustrada, acometida por incontroláveis impulsos decorrentes de um complexo de Electra mal resolvido na infância, que ela buscava desesperadamente resolver na cama. Alguns de seus amantes declaravam que ela choramingava e chamava pelo pai, pedia forças a Messalina e urrava o nome infame do maligno. Talvez fosse louca, talvez se fizesse. Talvez, afinal, adorasse aquela vida perdida.

O homem se aproximou olhos nos olhos, Doloca como que magnetizada, mal ouvindo o mambo que o Jazz Abaeté executava com mestria. Ele entendeu

cerimoniosamente a mão direita, segurou Doloca e a puxou para a pista de dança. Ela sentiu um arrepio ao toque daquele corpo gelado, mas o acompanhou no mambo.

Dançaram muito, beberam, ficaram meio deformados, meio suados, meiolustrosos, mas isso a deixava mais entusiasmada para querer o sexo. Bastou o sussurro canalha para que ela cedesse.

Ele sugeriu o cemitério. Parecia algo sadomasoquista, que ela adorou. Iria praticar o ato sobre tumbas, tendo a lua por companhia. Ela adorou.

Saíram na bicicleta dele, uma Philips preta que gemia no cubo traseiro.

Chegando no campo santo, silêncio e quietude na madrugada fria, ele depressa empurrou a bicicleta para trás de uma sepultura antiga. Pareceu a Doloca que aquele homem tinha muita experiência naquilo.

Ele virou-se para Doloca e uma lua cheia descaindo lentamente para o poema iluminou sua face. A devassa deu um grito e, determinada, entregou-se a ele.

Foi algo bestial, indescritível, praticado com entusiasmo pelos dois. Naquela noite, no campo santo, eles não fizeram amor. Não havia lugar para essa palavra no vocabulário de Dolores. Ela era um ser essencialmente carnal. Nada sabia das coisas do espírito. Era uma fêmea a serviço das coisas do mundo, da carne.

Após tudo aquilo acontecer, Doloca entregou-se a meditações. Deitada sobre uma placa de granito polido, recompunha-se mentalizando patifarias, já prevendo o dia seguinte.

Recompondo-se lentamente, Doloca sentou-se sobre a pedra fria, sentindo a friagem gelar-lhe o corpo. Depressa acostumou-se o frio, que primeiro arrepiava, mas depois refrescava o corpo e aplacava aquele fogo atroz que a consumia. Se existia o inferno, ele já ardia em Doloca, anunciando as terríveis provações que no além aguardavam aquela pecadora. Nem mil anos nadando nos tachos de breu fervente de Belzebu seriam suficientes para expiar toda uma vida de pecado. Ficou assim muito tempo, ouvindo a madrugada.

Ao longe, o mambo continuava correndo frouxo na sede do Vênus. Era possível acompanhar o solo de clarineta do Galdino, maravilhoso som que se propagava claro como cristal, agitando naquele ritmo caribenho cada molécula de ar frio. Mas distante uma aparelhagem tocava. Com certeza era na Venuta.

Doloca ouvia aquele bolero, lamento em ritmo de cabaré que parecia falar diretamente a ela.

Boneca cobiçada; Das noites de sereno...

A safadinha sorriu um sorriso misto de deboche e lascívia.

Teu corpo não tem dono; Teus lábios têm veneno...

Doloca olhou para seu amante latino. Estavam de olhos fechados, abandonado e indefeso, exaurido. Assemelhava-se a um cadáver, pálido e lustroso. Seu perfume, Reved' Or, parecia agora um formol muito bem aplicado, ao misturar-se com o odor de álcool que dele exalava.

Ela o chamou ao que ele entreabriu os olhos. Sorriu lânguido.

— Me leva pra casa... gemeu Dolores manhosa, ainda entorpecida.

O amante custou a responder. Ela insistiu:

— Me leva pra casa...

— Não posso... sussurrou o amante.

— Por que...?

— porque eu não posso mais sair daqui... Já cumpri minha saída de hoje...

Dolores estranhou. Um calafrio percorreu-lhe o corpo.

— O que...? assustou-se.

— Eu não posso sair daqui... disse o amante, desta feita enfática e incisiva, elevando um pouco da voz.

— Por que...? perguntou Dolores, temendo pela resposta.

— Porque eu moro aqui... respondeu o amante enquanto ia desaparecendo no ar.

Dolores, a Doloca, abriu na carreira gritando por socorro.

Bitá, coveiro, dormia na capelinha. Despertou com aquele grito desesperado, levantou meio zozzo, caminhou cambaleando até a porta. Acendeu a lanterna e varreu as alamedas silenciosas com um facho amarelado. Silêncio e quietude. Um vento frio percorria a intimidade dos grandes jambeiros, precipitando sobre as calçadas aquela neve cor de rosa, prenúncio do frutificar daquelas árvores gigantescas.

O coveiro acendeu um cigarro, olhou em volta, um clarão inconfundível para os lados do nascente anunciava a iminência da aurora. Ele saiu vasculhando as sepulturas. Havia enterrado uma madame cheia de joias e

poderia ser um caso de violadores de túmulos. O homem caminhava lentamente, vigiando, ouvindo e observando. Um encontro com ele ali no campo santo seria certamente assustador. Aquela figura negra, encanecida, magra e ligeiramente curvada lembrava uma aparição.

Bitá notou grande movimentação da terra ao redor de um túmulo de mármore muito antigo, encardido e abandonado. Sorriu, parou, agachou-se e apanhou um pedaço de pano engatado num arbusto. Era uma calcinha. Cheirava a artimatic e tinha um D de bordado com habilidade em linha dourada. Sob a luz da lanterna, ele de repente compreendeu tudo.

— Ah, Veneraldo, Veneraldo. Disse contemplando a fotografia do defunto de bigodinho num medalhão de bronze que decorava a sepultura.

— fizeste mais uma vítima, seu patife...

ANÁLISE DO CONTO O AMANTE NO CEMITÉRIO

Pela análise do conto Doloca era uma fêmea frustrada incontrolável pelo impulso decorrente de um complexo de Electra o desejo da filha pelo pai que era cometida por um mal resolvido na infância, que ela buscava desesperadamente resolver na cama.

No momento do ato sexual uns de seus amantes declaravam que ela chorava bem baixinho e por motivos fúteis e chamava pelo pai, pedia força a messalina que seria uma mulher, que fazia milagre, que vinha a proteger alguém, talvez porque adorasse aquela vida perdida, que seria a prostituição que era seduzir os homens, a andarem com ela somente para fazer sexo.

Na narrativa do conto Doloca uma pessoa charmosa e expressiva, muito criativa e curiosa, tem certas dificuldades na concentração e gosta de compartilhar tudo com os outros, é do tipo de pessoa que não consegue guardar suas ideias por si só, é daquelas que adora festa e sexo.

Adora tirar proveito do marido dos outros, tentando seduzir até levar para cama fazendo com que o mesmo se torne, mas um de seus amantes.

1. Afrodisíacos- aumentos do apetite sexual
2. Nosocômios- hospital

3. Papanicolau- exame para a prevenção do câncer do colo do útero
4. Electra – o desejo da filha pelo pai
5. Messalina- mulher lasciva e dissoluta
6. Tumbo - sepultura túmulo
7. Clarineta- instrumento de palheta e chaves, como as da flauta.
8. Galdino- autoritário
9. Lascívia- qualidade, caráter, luxúria, sensualidade, entorpecida.
10. 10-facho- farol, luzeiro, que esclarece ou serve de luz intelectual.

SUGESTÃO DE COMO LER UM CONTO EM SALA DE AULA

Delmanto (2009) ressalta que é importante auxiliar os alunos a desenvolverem procedimentos que caracterizam um bom leitor, tais como:

- Voltar várias vezes ao texto para localizar uma informação ou responder questões durante a leitura.
- Inferir significados das palavras pelo contexto.
- Relacionar o conteúdo do texto a vivência de cada um.
- Ler procurando reconhecer a finalidade do texto.

Para a autora esse papel da escola ganha relevância em um país como o nosso, para muitos fora da escola, são poucas as oportunidades de contato com a leitura para informação.

Por isso, entre outros papéis que deve desempenhar, a escola precisa se preocupar cada vez mais com a formação de leitores. Mas com que tipo de leitores? Que seja capazes de mobilizar que tipo de procedimentos e habilidades? Que atividades devem ser selecionadas para que os alunos desenvolvam as capacidades envolvidas no ato de ler?

A autora ainda acrescenta que diante das diversas transformações com os quais convivemos a escola precisa, mais do que nunca, fornecer ao estudante os instrumentos necessários para que ele consiga buscar, analisar, selecionar e organizar as informações. Entretanto, o que observamos é que,

em muitas escolas, a leitura ainda é desenvolvida a partir da influência de muitos modelos tradicionais ou concepções errôneas de leitura.

Em primeiro lugar, não basta ter em mente que não basta ensinar a ler, é necessário desenvolver o grau de letramento dos alunos, dirigindo o trabalho para a prática que visem à capacidade de utilizar a leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade e, com o conhecimento adquirido, continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Para isso, é fundamental propor trabalhos com os diferentes gêneros que circulam na sociedade, mas sem deixar de criar situações que permitam aos alunos desenvolverem as diferentes capacidades envolvidas no ato de ler. Durante a leitura construir o significado de palavras ou expressões a partir do contexto da frase, tirar conclusão, com base em outras leituras, experiências de vida.

Incentivar os alunos a exporem o que sabem sobre o assunto, conteúdo ou a forma de texto.

Depois de a leitura ir além do texto, projetar o sentido do texto para outras vivências e outras realidades, relacionar informações do texto ao conhecimento cotidiano.

Por fim, acreditamos que a capacidade de estabelecer objetivos é de fundamental importância no ato de ler, é acima de tudo, de acordo com Kleiman (2004), uma vez que o leitor terá a capacidade de controlar e condicionar o próprio conhecimento, pois permite avaliar sua capacidade, bem como refletir sobre o próprio conhecimento.

O professor deve usar como fonte para produzir uma peça de teatro, um filminho em que os alunos se comportam como autores, a interpretação da história como uma metodologia bem dinâmica e interessante que fica bem de acordo com o modo em que os alunos se comportam, hoje em dia, os alunos são muitos inquietos. Se os alunos forem criar uma peça de teatro naturalmente vão ter que lê o conto e isso já é um objetivo alcançado

A leitura é como uma finalidade, ler um conto pode se transformar em uma peça de teatro, fazer uma história em quadrinho, exercitar a arte de desenhar, escrever a própria narrativa, recontar sua história com suas próprias

palavras, o fundamental e a atividade dinâmica para que eles consigam se concentrar, enfim, são inúmeras coisas que traz bons resultados que contribui, para o desenvolvimento e o gosto pela leitura, e conseqüentemente para dar um grande salto na melhoria da qualidade de ensino.

A leitura continua sendo uma atividade permanente do 6º ano do ensino fundamental, que cabe ao professor no planejamento para incluir tanto as obras obrigatórias, estudadas nas aulas de literatura, como os textos escolhidos livremente pelos alunos.

Na hora de ajudar a turma a escolher os livros é importante conhecer o repertório e os interesse do estudante (coisa que cada um curte fazer ou seja assunto que lhes interessam). Com base nisso fica mais fácil sugerir leituras que farão sucesso.

Segundo Rildo Cosson, autor do letramento literário: teoria e prática, indica uma obra que dialogue com um jogo de videogame é um meio poderoso de atrair os alunos para a história.

Além disso, a consolidação dos hábitos de leitura permite explorar textos mais difíceis e desafiadores, bem como conhecer novos autores e estilos.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO:

(perguntas feita com Jorge machado)

1. Como você percebe a divulgação de seus contos?

Esses contos tem um grande poder de alcance e penetração entre as pessoas. Pois o mesmo observou que estava sendo divulgado quando estava indo em uma viagem a Belém, encontrou duas moças fazendo a leitura de seus livros no ônibus, e isso emocionou muito.

Em outro momento alguns professores usaram como referencia para trabalho com os alunos. E isso chamou atenção de que os seus contos estão presentes na vida das pessoas, também afirmou que já encontrou muitos jovens que gosta dos contos. Ate porque os contos tratam de personagens que os jovens conhecem, e essa divulgação também acontecia em um programa de radio que era do próprio escritor que divulgava o seu trabalho.

2. Na sua ideia o que é conto?

Na ideia do escritor conto é uma narrativa que tem unidade, tempo, lugar e ação dramática que se consegue passar em um lugar, dentro de uma sala que vai além de uma ideia que conto é uma narrativa curta.

O conto na literatura tem o poder de fazer as pessoas pensarem, que não é simplesmente fazer uma historia bonita e sim fazer as pessoas pensarem e refletirem sobre a realidade o mistério da existência, possibilidade de alguém virar matinta Pereira.

Então o conto é como obra literária que tem unidade com pouca ação, pouca narrativa, no único lugar, em um único tempo que faz a pessoa pensar.

3. Como é ser um escritor que fala o seu próprio livro?

É uma experiência que dá liberdade de publicar o que acha que deve publicar e com isso faz circular a sua produção, que sai mais barata do que revistas de banca e com isso as suas produções circulam entre os cantos.

4. Quais os autores que você lê, e quais os que você nunca deixou de lê?

Alguns Brasileiros e a maioria estrangeiros entre eles o Machado de Assis e o Lima Barreto. Estrangeiro historia de terror e literatura fantástica. O que nunca deixou de lê Edgar Allan. Põe, H.P. Lovecraft, Ray Bradbury, Ambrose Bierree, Algernon Blackwaod, Mary Shelley, May Sinclair.

5. Onde você encontra inspiração para escrever esses contos?

São principalmente das historias de visagem que lhe contam e dos autores que o mesmo lê, em que o estilo deles vai se influenciar na narrativa, inventar uma forma literária de fazer essa narrativa, através da narrativa da oralidade, ou seja, uma historia contada por alguém, e outra com a sua própria vivencia.

6. Como surgiu a ideia de escrever esses contos?

Com a influência da família, seu pai tinha uma livraria e era bibliotecário e o mesmo era influenciado pelos livros, a biblioteca ficava ao seu arredore isso despertou desejo de ser um escritor. Pois o escritor diz que foi criado entre os meios de comunicação.

7. Qual a importância do conto para a sociedade?

A importância da literatura como um todo e de pedir que as pessoas se deparem com as ciências, de mostrar que você é um ser que vai morrer que o mundo é um lugar muito poderoso do que você de se viver. Enfim, a literatura e uma arte de espécie contra a dureza da existência, a nossa cultura é construída de arte, ciências quenos mostra o lado duro da vida como o

universo é gigantesco, a filosofia e a religião. Então o conto é um estímulo uma forma de fazer isso.

8. O que é escrever em um país onde se lê muito pouco e muito mal?

Quase que uma maldição, é uma coisa que permite que converse com as pessoas e uma forma de se divertir, para tornar a vida mais leve, e vem como um dom que apela para a espiritualidade que tem haver com o mundo, mas que também tem influencia no meio onde se estiver, pois o escritor foi influenciado pelo pai que tinha biblioteca, sua principal diversão é está lendo.

O mesmo afirma que muitos escritores escrevem como uma forma de ganhar dinheiro, e ele escrevem por prazer, por gosto, e isso enriquece muito a sua carreira.

9. Os seus contos são baseados em personagens folclóricos de Abaetetubense?

Sim, inclusive o mesmo fica preocupado em que os contos mostram seres humanos com suas virtudes e seus defeitos, o escritor se inspira nos personagens.

10. Qual o significado de visagem?

Assombração, fantasma é a forma de como se chama na região, dizem que é consequência de nossos franceses em que a língua influenciou muito nessas historias é uma palavra francesa, como objeto visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como podemos constatar, a literatura tem muito a contribuir na formação dos seres humanos. Sendo assim, chegando ao final desse trabalho e, por apresentar uma obra da literatura Abaetetubense, do escritor Jorge Machado, espero ter contribuído com este tipo de literatura como estratégia a ser aplicada em sala de aula, e que também possa ser divulgada de forma a enriquecer a cultura Abaetetubense.

A proposta é conseguir um número de leitores que possa fazer uso desses contos como estímulo qual estará fazendo uso de uma boa leitura e ao mesmo tempo resgatando nossa cultura popular pelo fato do conto apresentar personagens Abaetetubenses. Com tantos desafios os professores, nos dias de hoje não podem ignorar o uso desses contos, o papel que ocupam na sociedade possuem um potencial pedagógico, que cabe ao educador procurar conhecer os diversos recursos que irão ser como uma fonte de estímulo a leitura.

Sendo assim, o conto na literatura significa sensibilizar os alunos na importância dessas leituras na formação de grandes leitores, sendo válido como recurso que pode ser usado como instrumento facilitador em sala de aula nas aulas de língua Portuguesa e literatura, pois com a utilização desses contos pode ajudar os alunos a desenvolver uma capacidade intelectual.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICAS

- SOLÉ, Isabel. Estratégia de leitura. PortoAlegre: Artes Médicas, 1996.
- FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática, São Paulo, SE/ CENP, 1988.
- PERINI, Mário. Para uma nova gramática do português, São Paulo, Ática, 1985.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins fonte, 1979.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e quarto ciclo do ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Um brasileiro em Berlim. Rio de Janeiro: editoras Novas Fronteiras, 1995.p.137.
- LAJOLO, Mariza e ZILBERMAN, Regina: literatura infantil brasileira: historia e historia. 3º. Ed. São Paulo: Ática, 1987. E também, dos mesmos autores, um Brasil para crianças: Para conhecer melhor a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.
- DELMANTO, Dileta. A leitura em sala de aula. Construir noticia Recife, ano 08, nº 45, p. 24-26, mar./ abril 2009.
- KLEIMAN, A. Texto e leitor. Aspecto cognitivo da leitura. 9 ed. Campinas: Pontes, 2004.
- GOTLIB, Nádía BattellaGotlib. Teoria do conto- editora Ática – 95 págs.- 1998.
- ANTUNES, Irandé. Análise de texto – fundamentos e práticas. São Paulo: parábola, 2010.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. 26º ANPED: GT Alfabetização, leitura e escrita, outubro de 2003.